

Menos um dia

Acordou.

Antigamente, saberia disso assim que desligasse a música *good vibes* de despertador. Agora, demorava um pouco mais.

O celular ainda tocava a mesma canção, uma tentativa de começar o dia com bom humor. Mas Eunice não acordava de forma efetiva. Levantava da cama e seguia para o ritual matutino no modo automático. Praticamente uma sonâmbula.

la ao banheiro, lavava o rosto. Ajeitava os cabelos, como se isso importasse no atual contexto. Força do hábito. Seguia para a cozinha e, no caminho, ligava o computador. O expediente no trabalho a aguardava ali, na sala do apartamento.

No copo lagoinha, em três dedos de água, ela dissolvia trinta gotas de própolis. E tomava aos poucos, sorvendo ao máximo a mistura esverdeada. Com a garganta em brasa, o corpo balançava. Tossia. Por alguns instantes, temia que jamais respirar novamente, tamanho o efeito amargo do líquido. Era quando, enfim, despertava.

Estava pronta para trabalhar.

Não fora sempre assim. No princípio da pandemia, eram apenas dez gotas de própolis, mistura bem menos agressiva ao paladar. Conselho da mãe: própolis ajudava a melhorar a imunidade. A filha, obediente, providenciou o vidrinho. E também zinco, vitamina D e glóbulos homeopáticos. Tudo contra o coronavírus.

Estava funcionando. Quase um ano e meio de pandemia e Eunice estava ilesa. Porém, em decorrência de um evento recente, ela temia que o pior tivesse acontecido.

O ônibus. Duas horas da tarde. Uma perícia médica marcada para o outro lado da cidade. Longe demais para valer a pena chamar um Uber. E, como não era horário de pico, ela acreditou que o coletivo não ficaria cheio.

Não ficou, verdade, até a primeira parada no centro. Ali, para o terror de Eunice, o caos se instalou. Em segundos, não havia mais espaço no interior do ônibus. Junto à janela, ela foi espremida. Sufocada. Pessoas de todos os tipos, com suas máscaras de pano pendendo pelo queixo, aglomeravam-se ao seu redor. Conversando, rindo, disparando gotículas de saliva para todos os lados.

Acuada, ela queria sair dali. Mas como? Com ar condicionado, o ônibus sequer tinha janelas abertas. Em plena pandemia. Eunice se sentiu invadida por todos os poros do corpo. Faltava-lhe ar. Aqueles corpos, aqueles odores. Tantos. Fechou os olhos e tentou limpar a mente. Mentalizar algo longe dali. Para que o terror acabasse logo.

Na consulta, o médico fez perguntas com os olhos na tela do computador.

- Quais sintomas a senhora teve?
- Coriza, inflamação na garganta e febre.
- Quando foi isso?
- Os sintomas começaram no dia dois de maio. Faz dois meses. E duraram três dias.
- E a senhora fez o teste?
- Sim. Deu negativo.

Protocolo. Maldito protocolo. Por causa dele, uma suspeita de Covid-19 poderia se tornar uma efetiva contaminação. Reforçou, portanto, a dose de própolis. E o volume das orações.

Estava tudo bem, Eunice mentalizava. A perícia havia sido há dez dias. Mais quatro e estaria segura. Segundo suas leituras, os sintomas do coronavírus demoravam de dois a quatorze dias para se manifestar após a contaminação. Ao completar esse período, poderia se tranquilizar.

Enquanto isso, seguia com sua vida. Ou o que restava dela. Um apartamento de 47 m² oferecia espaço para, se muito, sobreviver.

Ela queria ser como os vizinhos do apartamento em frente, que recebiam amigos toda semana. Música alta, cerveja e, supunha, nada de máscaras ou álcool gel. Também admirava a senhora do prédio ao lado. Com as duas doses tomadas da vacina, já circulava pelas áreas comuns com o rosto desprotegido.

A leveza dos inconsequentes é mesmo invejável. Infelizmente, inatingível para pessoas como ela. Eunice já havia tomado a primeira dose do imunizante, mas na medida em que se proliferavam novas variantes e com o contínuo registro de óbitos de pessoas vacinadas, ela se sentia ainda mais vulnerável.

Se mesmo se expondo tão pouco já ficava preocupada, depois daquele ônibus lotado o medo se agravou. Eunice pegava coisas na geladeira para cheirar ao longo do expediente. Se perdesse o olfato, era certeza de que estava contaminada. Limão, cebola, brócolis... Numa tarde, em dúvida se conseguia sentir o odor dos tomates, cozinhou um ovo para se certificar.

Estava tudo bem, o cheiro do ovo cozido estava lá, forte, impregnando toda a cozinha. Comeu o ovo.

As amigas a chamavam para sair. “Os bares abriram, tá todo mundo se vacinando”. Eunice até tentou uma vez. Uma lanchonete ao fim do dia. E, mesmo na área externa, sentiu que as pessoas estavam próximas demais. Uma hora depois de ter chegado, inventou uma desculpa e, sem ter tirado a máscara, voltou para casa.

Ela sentia falta de tudo aquilo. Das amigas, da família no interior e do trabalho presencial. Quem diria. O *home office* também parecia oprimi-la. Seu computador antigo demorava para abrir as páginas institucionais. O *WhatsApp Web* ficava aberto o tempo todo, só aumentando a sua ansiedade. As mensagens da chefia do departamento, sempre com solicitações urgentes, surgiam sem parar.

“Vai passar” era seu mantra. Todo pesadelo acaba em algum momento. Será? Começava a desconfiar que talvez não fosse assim. E quando o pessimismo começava a tomar conta, Eunice mudava o foco. Voltava para o mantra. Vai passar. Tem que passar.

Outro lema, apropriado recentemente, era “mais um dia, menos um dia”. Se aplicava, sobretudo, para confirmar que não tinha sido infectada por Covid-19 naquele ônibus.

Tentava se distrair, mas era difícil. Fazia faxinas diárias na casa. Nunca vivera em um cubículo tão limpo. Conversava com seus cactos, já que eles demandavam tão pouca água. E imitava atividades físicas dos vídeos de que assistia no YouTube. Assim, mais um dia se passava.

No décimo-terceiro dia após o possível contágio, Eunice tinha o café-da-tarde virtual com sua mãe. Uma rotina que elas encontraram, já que a filha não podia mais visita-la como antes. Ajudava a amenizar a distância.

- Mãe, eu não estou te vendo, levanta um pouco a câmera do celular.
- Assim?
- Não, o contrário. Isso. Um pouco mais. Pronto, agora ficou bom.
- Então, filha, como estão as coisas?
- Tudo bem, mãe. Amanhã, se eu não tiver nenhum sintoma, possivelmente não peguei covid.
- Ah, não vai ter nada. Você precisa ser mais positiva.
- É a realidade, mãe. A doença tá aí, a gente tem que tomar cuidado. Naquele dia, infelizmente, eu fui exposta.
- Eu sei, eu sei. Você não vai ter nada. O que é isso que você está comendo?
- Bolo de cenoura.

- Ah, que maravilha. Está melhor do que eu. Só tô comendo um pãozinho com manteiga, é o que tem aqui.

- Que saudade do seu café, mãe! Tudo que eu queria era tomar desse café amargo que você faz.

- É, filha, está complicado. Eu sei que você está se cuidando, mas eu fico preocupada. Você está muito sozinha aí. Cadê aquele moço que veio com você na minha casa antes da pandemia? Porque vocês não estão juntos?

- Mãe, eu te disse, o Tiago é só um amigo. A gente troca mensagens. Não estamos nos vendo, os pais dele são mais velhos, ele também está recluso.

- Eunice, achei ele um moço tão agradável, torço tanto para vocês se acertarem! Você não pode ficar com tanto medo, tem que sair! Encontra com ele, mesmo que seja ao ar livre. Não quero que você fique sozinha. Se ficar enfiada na casa, vai ficar só comendo e engordando.

Pronto, nem dez minutos de conversa e a mãe já havia feito comentários sobre sua vida amorosa e sobre sua aparência. As saudades da família duravam pouco tempo.

No celular, viu que já ia fazer uma semana que não tinha notícias de Tiago. Digitou um “oi”, com um *emoji* de sorriso.

No décimo quarto dia, Eunice celebraria o alívio. Estava tudo planejado. Pediria um vinho no aplicativo de *delivery*. Assistiria a um filme à noite. Prepararia batatas recheadas.

Acordar, naquele tão esperado dia, foi até mais fácil. Desligou o despertador, foi ao banheiro, lavou o rosto. Diante do espelho, ajeitou os cabelos ainda mais cuidadosamente. O dia merecia um cuidado extra.

Alegre como há muito não se sentia, Eunice custou a notar que a solução com própolis passava por sua garganta como se fosse água pura.

Luís Fernando Amâncio